

LAMPEJO

REMANESCENTE



LARISSA ROCHA SOARES

LARISSA ROCHA SOARES

LAMPEJO REMANESCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

Criciúma, 27 de novembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais - (UFSM) -
Orientadora

Prof^a. Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora em Ciências da
Linguagem - (UNISUL)

Prof^a. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestre em Educação e Cultura
– (UDESC)

para os desencaixados.

Gratidão aos que estiveram comigo.

"O que não sou deixaria um buraco enorme na terra".[1]

[1] (LISPECTOR, 1998, p. 120).

tentativa de um RESUMO

existe um suspiro aqui. um suspiro cansado, por vezes aflito. ora espanta as dúvidas, ora nada alivia. cheio de inquietações. um suspiro que nasceu suspiro, mas que deseja ser respiro. deseja ser cheio de ar. o porquê? ocasionalmente ele sabe. mas não muito. como eu disse, cheio de inquietações. ainda assim, há momentos que invade a intuição de que onde existe respiro, existe ar, e ar pode vir a ser sinônimo de vida. é aí que ele saberá onde esteve, onde está e onde estará. em meio a tentativas surgem escritas, onde por entre as letras manifesta-se frações de uma existência, deixando a pergunta de o que fazer com essas letras que uma ao lado da outra, inundam-se e formam palavras? há vezes em que há de serem dobradas e guardadas no bolso, como quem dobra uma notinha de supermercado. há vezes de jogar no banco ao lado, como um ticket de estacionamento. e às vezes há de pensar de outra forma, de inverter, ressignificar. há vezes de borrar. arranhar. de ver possíveis entre as fissuras. ver diferente. porque quem olha também quer perceber-se. mas e eu? o que eu tenho a ver com tudo isso? eu sou a hospedeira. a morada desse suspiro. estou o sendo. estou desejando não apenas respirar, mas encontrar maneiras para aprender a respirar. estou dobrando e sendo dobrada. jogada. borrada. arranhada. invertida. ressignificada. e tantas outras coisas que me atravessam. caminhando e parando.

Palavras-chave: Processo artístico. Caminhar. Parar. Experiência.

Onde?

"Onde
encontrar o mundo que procuro
se os microorganismos que formam este
corpo cansado, vão diminuindo?
Não se refazem as minhas células
e eu me sinto morrer cada segundo.
Entretanto preciso de um futuro!
Preciso de um amanhã de esperanças,
onde existam coisas que nunca tive.
quero sentir a alegria das manhãs de sol,
pensando que neste novo dia
minha vida vai mudar.
Quero viver todos os lugares comuns;
neles estão a simplicidade das coisas
e nelas o verdadeiro sentido,
o encanto das coisas possíveis.
Quero que antes da partida
entendam que não tenho culpa
de ser assim como sou.
Devo ao mundo a defesa da fera acuada.
Procuro um reencontro com minha adolescência;
quem sabe com a minha infância,
talvez encontre nelas a razão
dos direitos que me foram negados;
só assim, jogarei fora esta tristeza
que se apossa de mim insistentemente,
banharei meu corpo de luz
e viverei minha maturidade
na plenitude de meu reencontro
quicá como ser humano".[2]

[2] "Onde?" (FERRANTE, 1981, p. 69).

PARTE S

1 - O COMEÇO (8)

- 1.1 sacudir os pés (11)
- 1.2 inventar milhões de desculpas (20)

2 - O CAMINHO (23)

- 2.1 amarrar o cabelo (31)
- 2.2 subir em árvores (49)
- 2.3 esconder-me no guarda-roupas (59)

3 - O ENCONTRO (70)

- 3.1 vagar pelo mundo (73)
- 3.1 sobreviver à pele (76)

etceteras latentes (84)

notas sobre um (quase) inferir (86)

1
O COMEÇO

*"Cold, cold water surrounds me now
And all I've got is your hand
Lord, can you hear me now?
Lord, can you hear me now?
Lord, can you hear me now?
Or am I lost"? [3]*

[3] “Fria, fria água que me rodeia agora. E tudo o que tenho é sua mão. Senhor, Você pode me ouvir agora? Senhor, Você pode me ouvir agora? Senhor, Você pode me ouvir agora? Ou eu estou perdido?” (tradução). “Cold Water” do cantor e compositor irlandês Damien Rice, composta no álbum “O”, de 2002. Aqui, como aqueles dias em que não sabe-se o que fazer da vida, então surge um apelo à Deus, na tentativa de orientação.

"Desloco meus pés"[4].

Assim começo. Ou não começo coisa alguma. Apenas continuo. Uma jornada que se iniciou a alguns meses atrás, ou a seis anos atrás, ou quem sabe um pouco mais longe... em 11 de julho de 1996.

Venho a contar o que conto de forma poética, visto que em alguns processos não se pode usar de linguagem científica, sendo que esta também é "a minha aventura"[5].

Sem comprovações e rótulos com rigor, uma vez que não caibo nisto. Uma escrita em primeira pessoa construída ao longo do processo. Por vezes em linguagem mais acadêmica, por vezes mais artística, poética. As notas de rodapé surgem não como algo secundário, mas paralelas ao que penso e escrevo acima. Ainda que dividida em partes - 1. O começo, 2. O caminho e 3. O encontro - a escrita não é resistente à mesclagem.

Logo, há de fazer diversos possíveis, na leitura, na escrita e no que somos.

[4] "Antes que a pessoa se dê conta, antes que decida, o começo já se impõe. É só mexer o braço, piscar, deslocar um pé mais para a direita ou para a esquerda e já é um começo." Inspirada por Noemi Jaffe, penso em meus começos, naqueles que se fazem começos, naqueles que pensei serem começos, mas talvez são apenas continuações; naquilo que grita ao meu ouvido para começar, e entre tantos outros que não quiseram ser começos, mas que aqui estão. (JAFFE, 2018, sem página).

[5] Jung em "Memórias, Sonhos, Reflexões" escreve que aos 83 anos está apenas contando o mito de sua vida, onde não pode usar de linguagem científica, apenas constatações imediatas, contando histórias, e tampouco definir se estas são verdadeiras ou não, "O problema é somente este: é a minha aventura a minha verdade?". (JUNG, 1963. p.19).

É uma tentativa:

talvez de falar o imensurável; talvez de falar sobre aquela porção do orvalho que paira sob a grama; talvez seja sobre aquelas pequenas poeiras resultantes do estouro; talvez seja um grito do que está silenciado; ou sobre o que eu não soube encontrar.

Assim, espero que algum pedaço desses fragmentos de explosão, de mim, entranhe-se em ti.

E com isso, eu continue na tentativa,
de apenas perpetuar uma parte de mim.

sacudir os pés

Encontro-me no instante em que se faz necessário rever alguns caminhos. É o momento de parar para sacudir os pés, amarrar os cadarços e reconsiderar a marca de meus passos. Nesse ato de descobrir-me, algumas questões foram despertadas. Qual seria o caminho? Aqui ou ali, ou mesmo, daqui até lá? Fico a pensar o que acontece quando se sacode os pés, o que cai e o que fica? o que se torna farelo que vai embora com o vento e o que fica atado comigo? Com isso faço conexões. Revisito. Vejo começos. Inícios. Encontros. Passagens. "Ruas paralelas, becos e desvios"[6] que surgem e que se vão. Para viver a pesquisa preciso estar aberta a esse processo. É onde tenho que me render ao não mais saber e me livrar de algumas afirmações, permitindo que a incerteza me habite como uma companheira, para que seja "uma ponte entre o que somos e os outros que seremos"[7]. É hora do meu arremesso.

[6] Menção ao trecho: "Planejamos nossas vidas em longos e ininterruptos períodos que cruzam com nossos sonhos, da mesma forma que as rodovias conectam os pontos da cidade num mapa rodoviário. Mas, no final, aprendemos que a vida é vivida nas ruas paralelas, nos becos e desvios." Richard Paul Evans, na série "Caminhos", conta a história de Alan Christoffersen que após uma fatalidade em sua vida, decide caminhar em direção ao sul, de Seattle até Key West. (EVANS, 2012, p. 11).

[7] Menção ao texto "Escrever e saber" de Mia Couto para a 32ª Bienal de São Paulo.

Desabafo

deságua: como uma forma de respirar.

Enquanto oscilo há de perecer os minutos e assim reaprender,
transbordar.

O mundo acabou na virada do século? Ou foi doze anos depois? Será que
fiquei perambulando como fagulha?

E onde está a arte nisso tudo?

É preciso tocar para descobrir. É preciso tocar o mundo.

Perceber-se. Sangrar. Para sentir que estou aqui.

E onde está a arte nisso tudo?

Ela "é o encontro contínuo e reflexivo com o mundo".[8]

"É feita do tempo, e o que cabe aqui é que o tempo é feito da arte".[9]

Desse modo, o que faz uma artista com um "parafuso" em mãos?

Poéticas. Um objeto que leva-me a pensar.

É o meio.

[8] Penso na arte e na sua relação com a vida do artista; artista esta que navega pelas imprecisões da vida em busca de significado. Encontro em Archer que "A arte é um encontro contínuo e reflexivo com o mundo em que a obra de arte, longe de ser o ponto final desse processo, age como iniciador e ponto central da subsequente investigação do significado." (ARCHER, 2012, p. 236)

[9] (MARTINS, 2019, p. 452).

Parafuso?

O Parafuso que menciono aqui surgiu a partir da disciplina de Ateliê de Desenho Contemporâneo (2017/1), ministrado pela professora Odete Calderan, no Curso de Artes Visuais - Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC): meu lugar de fala.

Durante as aulas foi apresentada a proposta de pensar uma produção artística a partir de um objeto que não tivéssemos nenhum apego.

Então nasce “Parafuso” - como costumo chamá-lo - : objeto enferrujado vindo de uma caixa de ferramentas, com pregos e bugigangas velhas, no galpão da minha madrinha. Lá, escolheu-me para que eu encontrasse seu lugar de origem. Junto com esse objeto/espécie de parafuso, peguei outro objeto que se assemelha a um esmagador de feijão. Em primeiro ato, ainda na escuridão do galpão, encaixei os dois e pensei que pertenciam um ao outro. Mais tarde ao refletir sobre, percebi que não se pareciam em nada. Não tinha certeza se o tal esmagador de feijão era mesmo o que eu pensava, porém ele deixava-me a impressão de que era “algo”, mais certo de si, mais definido, e que já estava um pouco “mais pronto” comparado ao parafuso. Isso bloqueou-me de pensar sobre o tal esmagador de feijão.

Mas Parafuso tornou-se um mistério pra mim e esse mistério deixara-me instigada. Passo a pensar sobre os diâmetros e pergunto-me quais os diâmetros externos do parafuso[10]. No que ele se encaixa?

"Como no mais comum das coisas, os objetos se encaixam"[11], mas de quais maneiras? E fico a matutar, remoendo o “onde?”.

Dessa forma iniciei experimentando nas brechas e nos buracos que possivelmente ele poderia pertencer.

Aqui percebe-se os caminhos que o parafuso percorre na incessante tentativa de situar-se.

[10] Foi a partir de “O diâmetro externo do desodorante Axe é igual ao diâmetro interno do rolo do papel higiênico”, do artista Guto Lacaz que passei a questionar o lugar do parafuso e em quantas infinitas possibilidades ele poderia habitar. (LACAZ, 2009, p. 39).

[11] A partir da série “Quando criança o verme sonhava em ser...” da artista Elke Coelho, penso no lugar desses objetos: “Como no mais comum das coisas, os objetos se encaixam; por exemplo, sobre uma cômoda, pode haver um frasco de perfume, este, por sua vez, possui uma tampa que se encaixa no fundo do pote de creme; o cabo da escova pode servir de tampa para o pote de shampoo; a esfera de algodão, utilizada para retirar maquiagem, cabe de maneira exata no fundo do porta-joias de porcelana; e doze cotonetes juntos preenchem a tampa do batom.” (SANTANA, 2019, p. 45).

obs: quando falo
sobre os caminhos
que o parafuso
percorre,
incluo-me,

pois "sei apenas que nasci e que existo
e existo à base de algo que não conheço".[12]

[12] “Não estou certo de nada. Não tenho mesmo, para dizer a verdade, nenhuma convicção definitiva - a respeito do que quer que seja. Sei apenas que nasci e que existo; experimento o sentimento de ser levado pelas coisas. Existo à base de algo que não conheço. Apesar de toda a incerteza, sinto a solidez do que existe e a continuidade do meu ser, tal como sou.” (JUNG, 1963, p. 310).





Tenho como questão: “A ausência e a presença de espaços de atravessamentos movimenta o processo de criação do artista?”. Dessa forma, ao refletir sobre o que me inquieta e sobre o que poderia encontrar nesses espaços, percebo que só posso descobrir ocupando-os. Ou seja, experimentando. Diante disso, tenho de caminhar. Adentrar na paisagem e mergulhar no mundo ao caminhar.

O que me assusta é o medo do desconhecido. Evito caminhar, sair à rua, acredito estar me protegendo. Mas protegendo-me do que? De quem?[13]
Driblo a vida?

Tenho de me lançar. Há de ser eu. Não posso apenas estagnar à beira do caminho, visto que é lá que se estagnam as perguntas. E eu preciso de respostas. Ainda que respostas incompletas, respostas que falham ou imprecisões que despertam questões e outras questões. Mas eu preciso de algo, uma vez que o que tenho não basta. É preciso romper, repensar a existência dentro de si. Dessa forma, encontro no caminhar o no parar como metodologias que se constroem ao longo do caminho. É no caminhar que me possibilita viver experiências e é no parar que permite a reflexão sobre o caminhar[14].

[13] A partir de “A Coragem de ser Imperfeito” de Brené Brown pude perceber que essa proteção “é uma medida de nosso medo e de nosso isolamento em relação à vida.” Dessa forma, “passamos uma existência inteira esperando até nos tornarmos à prova de bala ou perfeitos”. (BROWN, 2016, p. 10).

[14] Em “Caminhar e Parar”, Francesco Careri procura “construir uma ponte entre o caminhar e o parar, entre o ir e o ficar - quem sabe, entre o nômade e o sedentário”. (CARERI, 2017, p. 114).

Logo, a "experiência só se dá à medida que se realiza".[15]

Assim, o "aprendiz-cartógrafo vai percebendo que não há outro caminho para o processo de habitação de um território senão aquele que se encontra encarnado nas situações".[16]

Portanto, "não se separam teoria e prática, espaços de reflexão e de ação".[17]

Com isso, "as poéticas vão se definindo ao longo do percurso: são princípios em estado de construção e transformação".[18]

[15] Menção à pista 7 das pistas do método da cartografia: Cartografar é habitar um território existencial. (PASSOS; ALVAREZ, 2015, p. 147).

[16] Idem.

[17] Idem.

[18] (SALLES, 2014, p. 47).

inventar milhões de desculpas

Vim para falar de tempo:

E o que mais se vê?

Um tempo que passa rápido e as pessoas reclamam:

“Não tenho tempo” ...

“Que dia é hoje”? ...

“Nós não acompanhamos mais”. ...

Veja: agora o tempo deve ser acompanhado

temos de acompanhá-lo

temos de andar - ou devo dizer, correr? -

com o tempo / atrás do tempo / contra o tempo

Mas estou aqui agora

tentando ter tempo

do tempo que não tenho

para inventar

milhões de desculpas

que quero dar

culpando o tempo.

*

Tento lembrar qual foi a última vez em que perdi tempo.

Surge uma enorme dificuldade para fazer isso: deixar o tempo passar e deixar que passe por mim, que me atravesse.

Vejo que quando era criança e morava na roça parecia que tudo era mais suave. Longos eram os dias. Desfrutava de tudo o que o lugar me oferecia e incansavelmente tentava fazer “peixinho” ao jogar pedras no açude, sem o remorso que ter tantas outras coisas para fazer.

Depois a cidade (ou a idade?) esmagou esses dias.

(ou foi o tempo?)

Assim, "esquecemos de olhar a vista".[19]

Estamos no futuro agora, e "o brilho se desfez em escombros".[20]

Sufocada pelo peso da rotina.

[19] “Estamos morrendo desde que chegamos e esquecemos de olhar a vista.” (KAUR, 2018, p. 92).

[20] Lara Ovídio no artigo “Um presente sem porvir” questiona as noções de tempo e de futuro. “Ninguém imaginou que o mundo seria isso que está sendo. Antigamente, o futuro podia parecer prateado, mas quando chegamos ao futuro, todo o brilho se havia desfeito em escombros.” (OVÍDIO, 2019, p. 275).

Logo, quais são as coisas que se vê quando desacelera?[21]

Preciso de uma bandeira da paz em meu peito?

Ancorar o barco?

Ou apenas aprender a ver as coisas de outro modo?

Quem sabe eu comece perdendo tempo[22]:

procurando desenhos em nuvens, observando o movimento das folhas nas árvores, posso até fazer listas de coisas improváveis.

quem sabe eu deva assistir: estar presente.

e com isso, eu assista as gotas da chuva deslizarem pelo vidro da janela; a pipoca estourar pela tampa de vidro, e as formigas andarem de um lado para o outro, após enterrar um parafuso num formigueiro.

[21] (SUNIM, 2017).

[22] “Perca tempo” do coletivo O Poro, trata-se da ação de abrir uma faixa com a frase “Perca tempo” na estrada quando o sinal de trânsito está fechado; também são distribuídos os panfletos intitulados “10 maneiras incríveis de perder tempo” e “+10 maneiras incríveis de perder tempo”. (CAMPBELL; TERÇA-NADA, 2011, p.20).

2

O CAMINHO

*"Oh, simple thing where have you gone?
I'm getting old and I need something to rely on" [23]*

[23] "Oh, simplicidade, aonde você foi? Eu estou ficando velha e preciso de algo em que confiar"(tradução). Menção à canção Somewhere Only We Know interpretada pela banda Keane, composta no álbum Hopes and Fears, 2004. Aqui, escuto na voz de Lily Allen, na qual lançou sua versão em 2013.

Uma das primeiras memórias que tenho de Criciúma (SC) é de uma vez que estava com minha família no Centro fazendo compras. Eu devia ter uns dez anos. Minha mãe, meu irmão e eu estávamos sentados na Praça Nereu Ramos enquanto esperávamos meu pai terminar de fumar para voltar às compras. Compramos roupas naquele dia.

Tenho tido visões sobre os lugares, tentando dar nomes às cidades, essas cidades onde "de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar".[24]

Qual será o nome de Criciúma
da minha infância?

Anos depois eu estava no mesmo lugar, sozinha. Vendo o movimento na Praça Nereu Ramos enquanto aguardava o horário de voltar para o trabalho. Meu pai, minha mãe e meu irmão ainda eram vistos ali. Por mim mesma, eu ainda os via nitidamente, comigo.

Tive meus primeiros sustos - e surtos - de urbanização quando morava no Centro. Sirenes de ambulâncias me deixavam perplexa e completamente assustada. Carros, sinaleiras, buzinas, ruas.

[24] (CALVINO, 1990. p. 115).

Mas os domingos eram bons:

eu podia pedalar no meio das ruas, já que não havia movimento.

Completamente diferente dos dias de semana.

Sentia o asfalto como deserto.

E sentia me um pouco em casa.

Hoje estou de volta.

Qual será o nome de Maracajá[25] de hoje?

[25] Minha cidade natal, onde vivo atualmente. Cidade pequena, poucos habitantes, pouquíssimas avenidas, sem semáforos. Fica localizada entre as cidades de Criciúma e Araranguá/SC (88915-000).

Poderia descrever aqui sobre as poucas cidades que estive; sobre os poucos lugares que deixei me conhecer e possivelmente até ensaiar sobre os muitos que nunca fui; além daqueles que poderiam pertencer a mim e eu a eles.

Mas quem sabe isso seja o avesso e eu esteja mesmo é buscando um lar. Pois perdi - ou nunca tive? - "o mapa que me dizia onde virar, deixando me sem nada a não ser uma palpitação triste no peito e um gosto amargo na boca".[26]

o que é meu | qual o meu lugar
quais lugares me afetam | em quais lugares eu existo
em quantos lugares existo | será que existo

?

[26] Snicket conta verdades. São verdades amargas que não se pode evitar. Sobre lar, compara-o com um delicioso pedaço de torta, o melhor pedaço de torta que você já comeu e que nunca mais encontra de novo. (SNICKET, 2009, p. 24).

E o todo?

É o todo?

O entorno?

Os arredores?

O país?

2019?

Quer queira ou não, o que está lá fora invade nossas moradas: físicas e internas. Então tudo queima. E conseqüentemente queima esperança. Percebe-se que nos "rostos circulantes há sinais de reticências: boca fechada, olhos sombrios, pensamento aflito".[27] Dessa forma "transitamos em nossos espaços como fantasmas: presentes em um outro lugar, não no aqui e no agora".[28] Logo, "essa agitação permanente, amplamente difundida e louvada, não gera o novo, mas apenas reproduz e acelera o que já existe".[29]

Pergunto-me "quem é que dorme tranquilo"?[30]

[27] (CORTEZE, 2017, p. 48).

[28] (CORTEZE, 2016, p. 46).

[29] A artista Brígida Campbell pensa a produção artística nos espaços públicos da cidade. "[...] nossa experiência no mundo fica debilitada, e cada vez mais rara." Dessa forma, "[...] criamos vivências fragmentadas.". Isso faz com que nos tornamos "incapazes do silêncio, das pausas e da contemplação." (CAMPBELL, 2015, p. 97).

[30] "Mundo de hoje... Vida de hoje... Que viagem desesperada! Onde estão os roteiros? Rasgaram? Quem é que tem rumo certo? Quem é que dorme tranquilo? Ninguém pára... não descansam... Como andam loucos os ventos!" (FERREIRA, 1977, p. 61).

"Esse mundo de aglomerados, é, afinal, nosso próprio espelho, e nele se refletem múltiplas facetas".[31]

Aqui, sou devorada por uma maré de práticas de pressa que me levam a emudecer e ao mesmo tempo espavorir. Troco pernas por rodas, pensamentos por maquinal. Há uma necessidade de segurança que os prende à zona de conforto, à comodidade de nossas casas.

Assim, "a gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele".[32]

Estariamos então "vivendo vidas de sereno desespero"? [33]

Anseio por mais, por algo que ainda não sei exatamente o quê. Como uma pipa rodopiando pelo vento forte, onde às vezes não vejo o que há além do horizonte, tampouco para onde esses ares irão me levar, mas acredito que há algo me esperando para ser descoberto.

[31] (CANTON, 2011, p. 22).

[32] "A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma." (COLASANTI, 1996, p. 9).

[33] Henry David-Thoreau ao morar isolado em uma cabana escreve uma espécie de manual de autossuficiência. Penso a partir dessa visão de mundo e na sua escrita, em especial, quando diz que "Os homens, em sua maioria, levam vidas de sereno desespero". (THOREAU, 1985, p. 21).

Percebo-me então, cambiante por mundos e vias do meu entorno, "algo entre isso e aquilo, entre as normas da vida social e o que está longe de ser sociedade".[34]

Uma híbrida? "Sujeita híbrida e uma artista híbrida",[35] com "múltiplas camadas e com diversos significados ao mesmo tempo".[36]

Assim, estou vagando:

vagando por entres.

Por entre lugares, por espaços, por normas, por pessoas.

Sou então

Uma transeunte?

Uma prófuga?

Andarilha?

[34] "Não sou nem corpo, nem alma sou algo entre isso e aquilo, entre as normas da vida social e o que está longe de ser sociedade." (BORBA, 2012, p. 12).

[35] "A essa arte que surge híbrida corresponde a um sujeito híbrido e um artista híbrido." (VENÂNCIO FILHO, p. 64, 2013).

[36] Ricardo Basbaum diz que "Artista é um termo cujo sentido se sobre-compõe em múltiplas camadas (o mesmo se passa com 'arte' e demais palavras relacionadas, tais como 'pintura', 'desenho', 'objeto'), isto é, ainda que seja escrito sempre da mesma maneira, possui diversos significados ao mesmo tempo". (BASBAUM, 2013, p. 168).

À vista disso, caminharei
perderei tempo como uma forma de resistência.[37]
para "encontrar razões mais sinceras de viver",[38]
encontrar a vida em cada respiro e em cada pulsar.

[37] (OVÍDIO, 2017, p. 81).

[38] "Talvez eu caminhe para encontrar mais razões sinceras de viver. Talvez eu busque um sentido diferente daquele que o sistema impõe desde a tenra idade: nascer, crescer, trabalhar, acumular, ter e morrer". (MENDES, 2008, p. 1)

amarrar o cabelo

Há dias – ou noites – que fico assim: nesse vazio que invade feito onda quebrando na beira e sinto que não posso criar nada, tampouco escrever. Mesmo assim, deixo-me aberta ao sentir.

Rodopio com minhas músicas, batendo os pés no chão, como se soubesse algo de sapateado, e às vezes até dou uns pulinhos, com os braços bem abertos num teto só meu.[39] Mordo palitos, talvez por ansiedade, talvez por mania, ou quem sabe virá uma ideia, como Violet Baudelaire[40] com sua fita pronta a amarrar o cabelo.

[39] Menção à Virgínia Woolf quando diz que precisamos de um teto todo nosso para escrever uma ficção. Fiz de um pequeno quarto inútil na minha casa o meu “teto”. Redecorei: prateleiras nas paredes com meus livros, escrivaninha e minha cadeira vermelha de rodinhas. Ao lado da porta há um quadro de metal em que é possível fixar papéis com imãs. Ali fotografias minhas, Pinhole; cianotipia; lembranças; a imagem do Quarto de Van Gogh impressa em papel plástico. A cadeira do meu falecido avô, ainda com restos de tintas, espera para ser lixada. Me pergunto até hoje o porquê de ter restos de tintas de três cores diferentes (amarelo, verde e lilás), como se minha avó quisesse sempre tapar algo, ou mudar. Não sei. Nos nichos e nas prateleiras há discos, livros, e objetos de lembranças. Coisas que me compõe. Abaixo desse teto (que todos os dias inundam minha escrivaninha com farelos de cupins), bebo, feito Bukowski e assim também escrevo minhas ficções.

[40] Menção à personagem Violet Baudelaire dos livros “Desventuras em série”. É a mais velha dos três irmãos órfãos. De uma personalidade inventiva, “quem conhecesse bem Violet logo perceberia que ela estava firmemente concentrada em suas reflexões, porque havia amarrado os cabelos com uma fita para afastá-los dos olhos.” e assim “[...] não ser distraída por algo tão banal como seus cabelos”. (SNICKET, 2001, p. 11).

[Sábado] 24.08.19

Faço minha primeira parada quinze minutos depois de começar a andar. Já sinto calor e sede.

Combinei comigo mesma de sair de casa às 14h. Saí às 14h05.

Não sabia o que levar na mochila, visto que não sou uma caminhante experiente. Então acabei trazendo um par de chinelos, um par de botas, um caderninho de anotações, a câmera, o parafuso, repelente e pomada para picadas de insetos. Esses dois últimos, juntamente com a Bola, são meu escudo, minha tentativa de sentir-me um pouco mais segura.

Hoje moro em uma casa que é espécie de apartamento, apenas piso e concreto, sem pátio. Bola e eu sentimos muito a falta da grama e da areia, de terra mesmo. Aqui é pouco espaço e sentimos falta de correr livremente.

Eu tinha duas rotas em mente. Eram apenas lugares ao qual eu queria chegar, mas não sabia de fato para qual iria e o que encontraria.

Opto pelo primeiro lugar. Sei o que quero encontrar lá, mas não faço ideia do que vou encontrar. Começo por uma rua próximo à minha casa, uma rua que eu frequentava bastante após os meus 7 anos, quando morava mais perto dali. Deparo com uma placa em que colocaram um nome sem nome em uma das ruas, paralela à que eu seguia.

Conforme caminho percebo as ruas novas. Assim como as casas. Agora comparo-as com as casas de quando era criança, pensando: “essa está mais desbotada; essa casa mudou de cor; essa foi reformada; essa não existe mais”. Continuo neste ritmo percebendo “uma casa nova”. E outra casa nova. E mais uma. Assim, são pelo menos seis casas novas em uma rua - novas para mim - e mais uma grande porção em outra, quase como quarteirões. Onde eu achava que ainda era só mato, agora estava habitável. O tempo rindo de mim enquanto me dava um tapa na cara por perceber os anos que se passaram.

Entro por uma rua de estrada de chão, que fica entre a roça. Bola não tem medo de explorar e sempre me incentiva a invadir os lugares, passar por baixo de cercas, pisar em valos e me arrastar no chão. Tiro os tênis e piso na areia. Nesses primeiros passos imagino um pedaço de vidro afiado penetrando minha pele e cortando-me. Porém a ideia vai indo para longe, enquanto me concentro em apenas sentir a terra gelada que agora está abaixo dos meus pés. E andar, andar e andar.

Viro rumo à oeste, em um terreno próprio para plantação e sigo até o fim. Defronto com uma cerca. Bola já atravessou. É minha vez. Estamos entre grama e mato agora, até que chego a um valo, com água. Paro aqui, travada. Não sei como atravessar. Ouço algo se mexendo na água. Bola já está lá, do outro lado. Novamente, é minha vez. Coloco as botas e piso. Afundo. Tenho medo.

Então um passo mais firme, mais fundo e estou do outro lado. Caminho novamente até chegar à outra cerca. Do outro lado, árvores. É lá que eu quero estar. Atravesso. Olho para cima, olho ao redor. Sinto. Escuto. Silêncio.

(As árvores ouvem segredos?

Será que escutam nossos lamentos?)









Ainda rumo ao oeste, mais uma cerca. Dessa vez eu tenho de me arrastar no chão para conseguir passar. Rastejar feito bicho mesmo. Continuo mais um pouco por uma espécie de corredor de cercas, que dividem lotes e plantações. Entre paradas e a cada novo lugar que me encontro, experimento o parafuso. Nem sempre há um lugar em que ele pode se encaixar. Então eu apenas o deixo no espaço. Estaria perdido também? À deriva?

Retorno à estrada inicial. Vou agora rumo ao leste e depois ao sul. Entro em uma rua ao oeste novamente, depois ao sul, e assim chego ao lugar que eu tinha inicialmente em mente. Era uma antiga olaria, abandonada. Eu sabia que ela estava ali, que existia. Mas nunca tinha entrado.

Contorno o lugar, do lado esquerdo, mas o mato é tão alto que se torna difícil entrar. Bola não se importa com isso, ela já está do lado de dentro. Passo pela grama alta e apesar da dificuldade, logo eu também estou dentro. Diante de mim encontra-se partes da olaria, ou o que restara dela. Caminho por destroços tentando decifrar o que era do quê. Um lugar tomado pelo tempo. Esquecido pelo tempo. Diante do salão principal, fecho os olhos, vejo pessoas andando de um lado para o outro. Trabalho. Vidas. Quem estivera ali? Ao fundo, três casas. Certamente crianças moravam ali também.

Brinquedos
esquecidos
largados.

O sol esbarra em partes do lugar, tocando
nas frestas das partes que faltam,
de presenças não existentes mais[41].

Parafuso vai comigo,
adentrando espaços,
penetrando
nas lascas dos resíduos
por ali deixados.

[41] Penso nas minhas memórias: nas casas que morei, nas pessoas que estavam lá... em tudo o que jaz em bruma. Pensei em David e em como suas memórias por vezes parecia atormentá-lo, mesmo no sono: “Sonhara com os tempos de sua casa da infância, com a mãe arrumando potes de frutas que brilhavam como jóias na mesa coberta de oleado, embaixo da janela. Sua irmã de cinco anos estava sentada, segurando uma boneca com a mãozinha fraca. Fora uma imagem passageira, talvez uma lembrança, mas que o enchera simultaneamente de tristeza e saudade. Agora a casa era dele, mas estava vazia, deserta desde a morte de sua irmã e a mudança de seus pais, abandonados os cômodos que a mãe havia esfregado até deixá-los com um brilho opaco, ocupados apenas pelo farfalhar dos esquilos e dos camundongos”. (EDWARDS, 2007, p. 18).

















subir em árvores

Estou mergulhando por conta própria,
ou apenas afogando-me?

"Desaparecida de mim mesma"?[42]

Quando criança achava que brincar era infinito, que poderia sempre subir
em árvores, colher goiabas e b(v)ergamotas e que nunca acabaria.

Até que a goiabeira é cortada para dar espaço à uma casa e dizem que o pé
de bergamota suja demais o pátio.

Então tudo vira névoa: um reflexo rápido que vem como lembrança, para
lembrar que existiu, para me lembrar que vivi.

Hoje já não tenho mais certeza
eu costumava pensar que sobrevivemos

mas disso também já não tenho mais certeza.

[42] “Estamos desaparecidos de nós mesmos: adiposamente crescidos por objetos de entretenimento, prisioneiros da normalidade, de informes e formatações”. (CORTEZE; POHLMANN, 2016).

[sábado] 14.09.19

É hora de ir para segundo lugar que eu tinha em mente. Quando olho no sentido leste, há um morro com árvores em que admiro desde muito tempo. O mesmo acontece com a Serra do Rio do Rastro, quando olho sentido sul. Há dias em que é possível ver ao longe as silhuetas, onde difere-se apenas pela comparação das tonalidades com a cor do céu. Se apertar bem os olhos, pode-se ver mais detalhes. Essas árvores atrás da minha casa, nunca precisei apertar os olhos. Elas ficam a poucos metros daqui, porém é como uma mera paisagem em que você apenas observa, mas nunca chega lá.

Me vejo agora na tentativa de contar as vezes em que tirei fotos dali. O nascer do sol. E eu aqui. Da janela do banheiro enquanto tomava banho. Da janela da cozinha enquanto lavava a louça. A paisagem tão próxima de mim, porém na prática tão distante.

É pra lá que eu vou.

Diferente da caminhada passada que era rumo ao oeste e depois virando ao norte, agora vou para o leste, de encontro com o nascer do sol.

Essa também é uma rua que morei, já na adolescência. Reparo na casa. Minha antiga casa. Está com a mesma cor, a mesma tonalidade, mas havia sido pintada. Enquanto viro a esquina, me vejo perdida em lembranças daquele tempo. A porta da garagem estava aberta e naquele vazio, pensei nos momentos que passei lá. Notei também a grama. Contornando essa minha antiga casa de esquina, agora ando rumo ao sul. Rua sem saída. À esquerda o campinho de futebol de uma associação de funcionários de uma empresa próxima, que prefiro não mencionar especificamente aqui, mas que denominei seu codinome como Pedreira. Passo pela cerca e entro no campinho de futebol. Quatro meninos jogavam bola. Conheço apenas Pedro.

Ao lado uma enorme mata cercada, propriedade talvez da Pedreira. Analiso como vou entrar. Como chegar até as árvores que eu tanto via ao longe, de minha casa. Até que vejo uma porta.

_ Tu vais fazer a trilha? - Pergunta Pedro.

_ Trilha? Tem trilha? - Respondo, curiosa.

Pedro se aproxima e conta que tem uma trilha, onde é possível chegar no “Potreiro”, outra na “Figueira” e outra na “Pedreira”. Agradeço pela informação e passo pela porta. Tento fazer a primeira trilha, mas a mata é tão fechada que não sei mais por onde ir. O medo de cobras e aranhas me invade. Volto. Pedro e os meninos vêm correndo.

_ Quer que eu te mostre onde fica a trilha?

Aceito.

Os meninos vêm correndo, empolgados. Perguntam qual das trilhas eu quero fazer. Opto pela primeira: Potreiro. Tenho a intenção de ser a paisagem agora, trocar de papéis e ver a minha casa. Sou a última do grupo, ando mais atrás e assim posso ouvi-los. Falam de como a trilha está fechada e que alguém cortou algumas árvores e mexeu na mata para disfarçar que ali há uma trilha, tentar apagar um caminho. Mas eles lembram. Contam das vezes que por ali estiveram. Das vezes que faziam aquelas trilhas de bicicleta. Chegamos ao Potreiro percebo que aquele não era exatamente o lugar que eu queria. Eu sei onde estamos, mas ainda assim, não é a visão de minha casa. Enquanto reflito sobre este lugar e sobre meu lugar na paisagem, os meninos provocam os bois. Aviso que não é uma boa ideia. Mas você já pode imaginar como são as crianças. Decidimos retornar. Após alguns passos alguém grita “Ó o boi!”. Sim, ele estava ali. Atrás da gente. Corremos apavorados. Passamos por baixo da cerca e continuamos correndo pela mata. (Tinha esquecido como é ser criança).

De volta ao local de início, próximo ao campo de futebol, os meninos se perguntam onde está a figueira. (Um outro menino de camiseta amarela junta-se ao grupo). Não conseguem ver a Figueira. Um retruca que era logo ali. Outro nega. Outro diz que nem existe mais. E outro conta de como era divertido pendurar-se em uma corda na Figueira. Eles riem enquanto lembram da vez em que a tal corda na arrebentou e alguém caiu.

Decidimos. Vamos até a Figueira.

Mais alguns passos adentro e chegamos. Pedro e alguns meninos tentam subir, mas não conseguem mais. A árvore está maior ou são eles que cresceram?_Não estamos longe da Pedreira. Vamos até lá. - alguém diz. Todos topam. Seguimos. Eu sempre fico para trás, como se fosse a turista. E eles parecem animados por estarem me guiando. Por vezes alguém fala preocupado que havia deixado o celular no campinho de futebol, e é claro, o refrigerante. Sempre falam do refrigerante. Eles adoravam a Bola. Sempre interagem com ela e elogiam o quanto ela sabe andar na mata e como não se perde.

_É claro, ela é um cachorro. - alguém retruca - E cães sabem das coisas.

Tênis, chuteira e chinelo são os calçados que nos acompanham na caminhada pela mata. Por vezes alguém segura a cerca ou afasta as plantas que tem espinhos para o outro passar. Chegamos à uma estrada. Temos de andar abaixados, por conta das câmeras, dizem. Na beira da estrada vejo um pé de amorinha. A mesma amorinha que tinha ao redor dos valos quando era criança, quando meu falecido avô quase caía neles para colhê-las pra mim.

_ Amorinhas! - exclamo.

_ Acho melhor não - diz Pedro, já imaginando que eu queria comer -. Olha como está empoeirada. É a Pedreira. Coisa da Pedreira.

Ele tem razão. É a única amorinha. O vermelho se destaca no meio de todo aquele verde. Verde, porém, pálido. Sujo. Fotografo. É a minha memória. E imaginar o meu velho Valmor ali dói o peito de saudade.

Seguimos. E lá está a Pedreira. Não posso fotografar, não posso expor. Então observo. Respiro fundo e sinto o lugar. Tento captar em minha memória. O morro, parte destruído, está exposto. Ali, eu percebo a parte que falta. O que já havia sido retirado. E me vejo pensando em todas as vezes, desde sempre, desde criança, desde que me conheço por gente, com aquela sensação, de quando tudo treme, como um início de terremoto: os vidros balançam, e se caso você estivesse apoiado sobre uma mesa, sentia os tremores e os objetos balançando também. Depois disso pode-se contar alguns segundos. Nunca soube ao certo quanto: Um, dois, quem sabe três segundos eram o suficiente. Então vinha o estouro. Bum! E a fumaça. Poeira. Estamos agora no coração do estouro. Mas é dia de sábado. Estamos a salvo. (Promessa dos meninos.)

Hora de voltar, e os meninos ficam discutindo para qual caminho aponta a placa. Onde sobe, onde desce. Depois de muita insistência, acho que se entenderam. Retornando para o campinho de futebol, eles fazem planos de voltar lá no domingo. De ir além na trilha e subir até o topo da Pedreira, visto que ainda não tínhamos ido até o final. Ao chegar no campinho ficam alegres ao tomar o refrigerante. Havia menos da metade, mas eles dividem entre si e voltam a jogar bola. Exausta, sento na grama. Me oferecem um pouco do refrigerante e, mesmo com vergonha, por fim aceito. Era um refrigerante barato e muito doce. Criança é assim mesmo, não é? Numa simplicidade que nem liga para algumas coisas, como marcas, que nós, adultos, denominamos e exigimos tanto.

Penso que poderia ter mais refrigerante, visto que aquele não é o suficiente e que ainda estamos com sede. Pego a bicicleta de um deles emprestada (péssima bicicleta! bicicleta de moleque, muito desconfortável) e vou até a mercearia mais próxima. Prenderam a Bola dentro do campo de futebol. Quando retorno, Bola vem correndo ao meu encontro. Mais adiante estão os meninos, exaustos. Contam que a Bola tinha pensado que eu havia abandonando-a. Que ela chorou e deu inúmeras voltas ao redor do campo tentando achar uma saída, até que por fim saiu por um pequeno rasgo na rede do campo. Então todos correram atrás dela. De volta ao campinho, tomamos refrigerante e despeço-me deles. Eles agradecem pelo refrigerante. E eu agradeço pela trilha.







esconder-me no guarda-roupas

O tempo retirou as espessuras das experiências que vivi?

E minhas noções de pertencimento?[43]

Meu corpo é pequeno

Já teve vezes de esconder-me no guarda-roupas e fechar a porta,
apenas para ficar ali, sentindo o silêncio.

Eu sei que posso me encaixar

nessa caixa de ouro que você chama de presente,

mas por mais bela que seja

ainda é uma caixa.

[43] Tempo contemporâneo: turbulento, fugaz e raso, retira as espessuras das experiências que vivemos no mundo, afetando nossas noções de memória e pertencimento. (CANTON, 2011, p. 20).

[domingo] 22.09.19

A última saída de campo não teve muita caminhada. Há um lugar próximo à minha casa (há cerca de 17 quilômetros) que me interessa muito. Sempre me sinto diferente quando vou lá. Mais leve. Ao dirigir pouco observo da paisagem, porém o vento que penetra minha pele quando coloco braço para fora da janela é mais gelado, não de uma forma que corta, que esfria, mas que é mais livre, puro. Bola adora esse lugar também, à beira do rio, ela sempre nada e rola na areia. Hoje percebo o quanto ela é atenciosa. Corria e parava, olhava pra trás, como quem dizia “Estou esperando”. E lá, seguimos. Experimento o parafuso em vários lugares. Agora, porém, de maneira diferente. Não há um lugar pronto para fixá-lo. Então apenas o afundo na areia ou deixo-o à mostra, como que disposto a sentir o espaço. Enquanto o parafuso corre pelas minhas mãos, percebo que na tentativa de achar o seu lugar, a sua funcionalidade, comparei-o com várias coisas[44]. Dessa vez, ele parece uma maçaneta, como se fosse abrir uma porta. Um caminho? Um destino? Logo, ele parece também uma chave. O que o parafuso quer me dizer? Quem é ele e quem sou eu?

A que pertencemos? Qual a nossa funcionalidade? Temos alguma?

[44] Poderia ser um tornado ou um ponto de pergunta? “[...] nosso mundo é estranho e belo. São muitas as dúvidas e um tornado, que às vezes até se assemelha a um enorme ponto de interrogação girando, seria um portal para o mundo das respostas. Quem sabe?” (ALÿS, 2010, p. 141).

Dirigindo de volta para casa, observo uma garagem à beira da estrada.

Aquela garagem sempre chamou minha atenção pela sua peculiaridade.

De tamanho retangular, ela serve exatamente para guardar o caminhão. O tamanho ideal para acomodá-lo, nada mais. E como uma metáfora, ocorre-me o seguinte pensamento:

Talvez um dia eu encontre a minha garagem. Onde eu encaixo perfeitamente. Continuo refletindo sobre aquilo. É quando me vem a ideia de que o caminhão não está lá por conta da garagem. A garagem está lá por causa do caminhão.

A garagem está lá por causa do caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.

A garagem foi construída para o caminhão.















O ENCONTRO

*“Comunque andare. Anche solo per capire.
O per non capirci niente.”*[45]

[45] “Andar. Mesmo que para entender. Ou para não entender nada”. (tradução). Menção à música “Comunque Andare”, de Alessandra Amoroso. Escrita por A. Amoroso e E.Toffoli.

E "navegaram, navegaram impelidos por uma brisa suave, mas contínua, e não viram peixe, nem gaivota, nem barco, nem praia. As provisões começaram a escassear outra vez, e entrou no espírito de todos a ideia de que talvez estivessem navegando por um mar sem fim".[46]

Navegando por um mar sem fim.

Quantas vezes senti isso (!?)
sendo balançada e dobrada pelo vento,
atingida pela maré.

E "quantas vezes, quantas vezes
não quebrei quantas vezes"![47]

Logo, o "tempo que navegaremos
não se pode calcular
Vimos as Plêiades
Vemos agora a Estrela Polar".[48]

[46] (LEWIS, 2009, p. 462).

[47] "Tem sido um tempo de não caber. Quantas vezes, quantas vezes não quebrei quantas vezes! Tantas vezes já me repeti e ainda, e por isso, não sei se me dobro ou se me dobram". (SBARDELOTTO, 2017, p. 128).

[48] Menção ao "O Rei do Mar" de Cecília Meireles. (MEIRELES, 1993, p. 144).

Assim, verei além
refarei histórias a mim mesma,
para que me "ajude a viver, a sentir que existo e o que sou".[49]

por fim o parafuso há de querer refazer-se também,
e "ser olhado de azul".[50]

juntos,
inventamos.

[49] “As Janelas” de Charles Baudelaire. “E me deito orgulhoso de ter vivido e sofrido nos outros como se fosse em mim mesmo. Talvez vocês me dirão “Estás certo de que esta fábula seja verdadeira”? Que importa o que possa ser a realidade situada fora de mim, se ela me ajuda a viver, a sentir que existo e o que sou?” (BAUDELAIRE, 2006, p. 60).

[50] “As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul”. (BARROS, 2016, p. 8).

vagar pelo mundo

Fico aqui, descorada, a vagar pelo mundo dos mortos.

Quando estou quase juntando os pés também,
no que devo pensar?

Aquilo que vive no âmago
me dá força?

João Bandeira, você disse que
"se a vida insiste em complicar
tua existência dispensa
que ela se explique".[51]

Posso fazer isso agora?

[51] (BANDEIRA, 2015, p. 9).

Percebo que "é importante navegar junto à costa e observar as paisagens, mas também entender onde descer a âncora, encontrar quem mora naquelas terras, descobrir estratégias para ir ao encontro dele, aprender a cumprimentar".[52]

Por fim, avanço:

Já que o que sou não basta,

Já que desejo ver,

Já que quero ser mais de mim,

Já que não preciso de fronteiras,

Já que transbordo, respiro.

Por certo, o "caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados".[53]

[52] (CARERI, 2017, p. 34).

[53] "A presença física do homem num espaço não mapeado - e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo - é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, consequentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar". (CARERI, 2013, p. 51).

Desse modo percebo nessas caminhadas significados: Na primeira caminhada percebo que o cansaço e a dor nas pernas passam a ser apenas um detalhe, parte do processo. Que é possível ouvir o silêncio – se é que se pode ouvi-lo -. Que ao pisar com os pés descalços no chão, na areia, na grama, não me corto. Que nos lugares abandonados, nas casas, a falta é vista. É sentida.

Na segunda caminhada percebo que posso expandir fronteiras. Que no encontro reconheço-me. Que sou e estou nos outros. Que estando no presente também estou no passado e lastimo a perda do futuro. Que numa trilha apagada a falta é vista. É sentida.

Na terceira caminhada percebo que perder-se nem sempre é estar perdida. Que trago de volta em minha mochila, ora respostas, ora mais perguntas. Que numa cova, num vácuo, a falta é vista. É sentida.

E que nem tudo o que cabe sempre irá couber.

Ainda estou procurando a resposta
para saber onde estive, para saber onde estou,
e o que estou sendo.

Nesse exato fragmento de segundo e tudo o mais de
classificação que existe antes dos segundos,
vivo.

Na constante busca pelo brilho:
lampejo remanescente.

Ansiava pela fotografia perfeita: o foco, o ângulo, a cor. Em meio a esse processo de descobrir-me artista, estava imprimindo uma fotografia, em uma impressora qualquer, quando me perguntei como ficaria uma intervenção em cima da imagem. Um desenho na fotografia. Foi aqui que começou tudo. Lembro de ter pensado “O que é que eu estou fazendo? Eu nem sou do desenho”. Não mais. Então questionei-me como seria uma foto em cima de outra foto. A sobreposição de imagens. Assim o fiz, com papel vegetal. Queria ver a transparência, as nuances de cinzas. Como a folha é mais fina, parte dela amassou, ficando uma dobra, um recorte na imagem.

Um erro.

Uma tentativa frustrada, mas que depois se tornaria uma "descoberta bem-vinda".[54]

Essa experiência despertou a [des]construção de conceitos, formas e modelos pré-estabelecidos que eu tinha das minhas fotografias e do meu processo artístico. Passei a investigar as impressões em diferentes tipos de papéis, como vegetal, manteiga, crepe. É sempre um desafio, pois eu nunca sei o que a impressora irá me trazer.

[54] Em “Gesto Inacabado”, de Cecília Almeida Salles, descubro que o acaso e o erro fazem parte do processo – logo, também somos seres em constante construção. (SALLES, 2014, p. 43).

Descobri na fotografia híbrida um caminho para experimentações e gestos dessa vivência. É uma fotografia "contaminada por contato, por aquilo que pode tencionar na imagem impressa e nos seus próprios significados, que vão sendo construídos conforme essa contaminação se alastra".[55]

Insiro o papel e escuto a máquina amassando - ou não - a folha que antes era branca que retorna para mim enquanto imagem. A imagem, com suas dobras e amassados, fala.

A demasiada tinta solta lascas, esvoaçando partículas de poeiras pretas e acinzentadas, deixando suas sobras na extensão dos dedos. "Advinda das cinzas, da brasa, ela arde".[56]

Quando insiro o parafuso na areia ele mesmo faz o seu lugar, mas é somente quando retiro-o que percebo o que fica.

Da sua presença fica uma ausência e dessa ausência também percebe-se a presença.

É no "parar para sentir e sentir mais devagar"[57] que a experiência me toca:

que tenho atravessamentos.

[55] (BITTENCOURT, 2018, p. 40).

[56] "[...] é preciso atrever-se, é preciso acercar o rosto à cinza. E soprar suavemente para que a brasa, sob as cinzas, volte a emitir seu calor, seu resplendor, seu perigo. Como se, da imagem cinza, elevara-se uma voz: 'Não vês que ardo?'" (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 216).

[57] "A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo [...]". (LAROSSA, 2002, p. 24).

Ao desaparecer o objeto visível torna-se uma imagem visual.[58]

Na ausência de um lugar fixo para encaixar-se o parafuso constrói o lugar: seu próprio mundo.

É aqui, juntamente com a experiência de pensar sobre a garagem que condiciona o caminhão, que percebo que nada está pronto e esperando para ser descoberto, mas sim que tudo está a ser construído e nesse processo de construção é que há descobertas. Desse modo, descobre-se, constrói-se.

Capturo o início dessa construção, "parte do mundo, enquanto ele desaparecia".[59]

Mas então, se a imagem é o que "resta quando o objeto se ausenta - o próprio vestígio do tempo"[60], como corporificar isso? O que fazer com a fotografia depois da fotografia[61]? Como expandir[62] essa imagem, fazê-la um híbrido, mas que ao mesmo tempo comporte os meus rastros, minhas experiências?

[58] A imagem dialética no jogo do carretel, quando este é jogado para atrás da cortina e depois puxado de volta. "[...] visual é o acontecimento de sua partida; visual ainda, seu próprio desaparecimento, como um relâmpago de cordão; visual sem dúvida seu reaparecimento, como um sempre frágil resto [...]" (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 82).

[59] "David pensou em suas fotografias: ele se empenhava muito em captar cada momento, prendê-lo, fazê-lo durar, mas, quando as imagens emergiam na câmara escura, já estavam alteradas. Àquela altura já se haviam passado horas, dias, e ele se tornara uma pessoa um pouquinho diferente. No entanto, tivera tanta vontade de captar o véu esvoaçante, de capturar o mundo no momento mesmo em que ele desaparecia, uma vez, outra e mais outra". (EDWARDS, 2007, p. 238).

[60] (COSTA, 2014, p. 49).

[61] No capítulo a "Imagem Revisada", Wanner discute os a fotografia após o seu advento, os caminhos que ela tem percorrido na contemporaneidade, assim como o que é a fotografia depois da fotografia.

[62] Menção ao conceito de campo ampliado de Rosalind Krauss.

É vez de voltar ao processo, para as caminhadas.

O que eu mais estive comigo nessa jornada? Pelo o que eu temia?

Chego a mim mesma. Chego à pele.

Meu corpo e minha pele tiveram de sobreviver às caminhadas.

Logo, o papel assemelha-se a pele.

Ambos podem ser firmes, rígidos,

e ao mesmo tempo, frágeis, maleáveis.

As marcas: dobras no papel | as marcas: dobras na pele

Dobras no papel: em algumas imagens eu havia borrifado goma laca, na tentativa de fixar mais a imagem, sem que a tinta soltasse nos dedos ao segurá-las. Em algumas partes ficou uma espécie de brilho na imagem.

Dobras na pele: a cicatriz do meu joelho parecia com as dobras e fissuras na imagem. Tento lembrar a quanto tempo tenho essa cicatriz, que iniciou abaixo do joelho e que agora está mais para cima. A pele cresce, estica, modifica. O tempo colabora com isso.

Aqui estou novamente, pensando sobre tempo: o trecho "quando chegamos ao futuro, todo o brilho se havia desfeito em escombros"[63], martela em minha mente.

[63] (OVÍDIO, 2019, p. 275).

O brilho se desfez. (?)

mas será que desapareceu completamente?

há de sobreviver os vaga-lumes?[64]

[64] “O valor da experiência caiu de cotação, mas cabe somente a nós, em cada situação particular, erguer essa queda à dignidade, à ‘nova beleza’ de uma coreografia, de uma invenção de formas. Não assume a imagem, em sua própria fragilidade, em sua intermitência de vaga-lume, a mesma potência, cada vez que ela nos mostra sua capacidade de reaparecer, de sobreviver?” (DIDI-HUBERMAN, 2011. p. 127).

PROPOSTA DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA



Lampejo remanescente

Fotografia impressa em papel ouro

2019

(6 fotografias 15 x 21 cm /com moldura)

(2 fotografias 31 x 43 cm /com moldura)

Escolho o papel ouro para a impressão das fotografias. Um papel com bastante brilho, um brilho que é quase apagado por conta da impressão fotográfica, mas que, ainda assim, por entre a imagem percebe-se o brilho que permanece. Por vezes mistura-se, por vezes torna-se um só. A primeira imagem, a esquerda, trata-se do registro da paisagem de um caminho, a primeira saída de campo que fiz. Aqui aparece como uma espécie de introdução, de começo. A primeira imagem do meio, a esquerda, são os primeiros passos de uma inquietação. Estou sozinha, em meio a cercas, fios que me prendem. Na imagem ao lado, a direita, estou de cabeça para baixo, como quem olha as nuvens, como quem olha as coisas de outra maneira. Abaixo, a esquerda, me vejo como uma espécie de chave mesmo, como algo que vai, que se permiti ir e estar. Ao lado, a direita, recebo o sol que me toca, sinto-o como se queimasse minha pele enferrujada, como se ali mesmo descamasse, transformação. Abaixo, nas duas últimas imagens percebo que não irei encontrar meu lugar pronto, mas que estou construindo-o. Refazendo a vida. Esse é o caminho. Por fim, a direita, o portão aberto é o encontro. O encontro do que não encontrei. O convite a seguir adiante.

Etceteras latentes

Realmente importa o quanto andei? Penso não devo determinar pela distância física[65], mas sim o quão longe eu fui em mim mesma.

No início da pesquisa acreditei que um dia eu realmente encontraria o caminho. Que daria uns giros aqui ou ali, uns rodopios em mim mesma e conseguiria fixar me. Parafusando a mim mesma em um lugar em que eu encaixaria perfeitamente.

Porventura o parafuso também encontraria o lugar dele. Agora percebo que essa é uma questão que merece reticências uma questão que pode continuar, continuar e continuar.

Experimentar-me em lugares, andar com os pés descalços, arrastar-me no chão, descobrir um lugar abandonado, uma trilha apagada e uma garagem de tamanho exato para abrigar um caminhão despertou algo em mim:

Eu não iria encontrar um lugar pronto, um lugar em que eu encaixe perfeitamente, como eu estava pensando.

[65] Diário de Alan Christoffersen: “A água à minha frente é límpida e azul. Sinto a brisa crepuscular em meu rosto não barbeado, queimado do sol, e fecho os olhos. Caminhei um longo trajeto para chegar aqui – mais de 5.500 quilômetros. Mas, de certa maneira, cheguei bem mais longe. Nem sempre as jornadas podem ser medidas pela distância física”. (EVANS, 2012, p. 16).

Eu tenha de construir esse lugar. Eu estou construindo esse lugar.

O meu lugar. Degrau por degrau, tijolo por tijolo.

Ainda assim, pude perceber que por muito tempo eu estive me procurando, gritando a mim mesma, por mim mesma.

E de tanto me procurar por lugares inexistentes

Não me achei, pois eu estava aqui o tempo todo.

Então "não cheguei aonde planejei ir.

Cheguei sem querer, aonde meu coração queria chegar, sem que eu o soubesse".[66]

Permaneço disposta a seguir e assim quem sabe eu dobre a rua e atravesse algumas cercas até chegar ao outro lado

E um dia há de escutar o canto de um passarinho que me anuncia uma nova história[67].

[66] (ALVES, 2015, p. 129).

[67] "Um passarinho me contou" conta a história de duas senhoras, Dona Berta e Dona Isaltina que, cansadas da vida, desejam visitar a Dona Morte, mas são salvas por um passarinho chamado Par Dal. "[...] a gente nunca sabe direito quando uma história acaba e quando começa outra, ainda mais quando tem passarinho dentro dela e até as palavras começam a cantar. Está ouvindo ou não? ... Eu também". (MARINHO, 2014, p. 45).

notas sobre um (quase) inferir¹

¹ acordei. com alguém. falando. no telefone. do lado. de fora. de casa. quando. acordo. assim. fico. irritada. sinto-me. invadida. como. se entrasse. em meu sono. e me tirasse. de lá. estou. cansada. são 8h43. agora. bola. está. deitada. logo. atrás. de mim. às vezes. ela parece. um Dimon[1]. isso me conforta. pensei. em colocar uma playlist. aleatória. não. queria. pensar. muito. em meio. ao caos. de agonias. que não. se pode. esquivar. surgiu. as palavras. tão longe. cantarolando. em meus ouvidos. tão longe. tão. longe. meu cabelo. está amarrado. estou. mordendo palitos. volto. a música. olho. pelo vidro. sujo. da minha. janela. telhados. fios. postes. a serra. ao longe. só sei. que é. o que é. por conta da silhueta. nunca. estive lá. será. que estou. caducando. nem serra. deve ser. algum deus. passou. por ali. e com um lápis. desenhou. um risco. diferente. de azul. somente. para me deixar. matutando. sobre coisas. que nunca. vi. hilário. malucos. são eles. respiro. repito. pássaros. voam. nessas nuances. da cor. do céu. eles pousam. nos fios. dos postes. eles fofocam. feito duas senhoras. sem nada. a fazer. é sexta-feira. ainda que. estou. de férias. coloque aspas ao redor. da palavra. férias. acabei esquecendo. eu devia. estar. trabalhando. eu devia. estar trabalhando. fica. ruminando. na minha cabeça. baléla. de gente. que corre. a música. repete. pela sétima vez. e o que diz. "não dá mais pra voltar. e eu nem me despedi. onde é que eu vim parar. por que eu fiquei tão longe. tão longe".[2] tão longe. tão. longe. longe.

[1] Personagem da trilogia "Fronteiras do Universo" de Philip Pullman. Dimons ou Daemon são revelações da alma de um ser racional em forma de animal. Os Dimons das crianças mudam de forma, permanecendo o mesmo apenas quando vira adulto. "Seu daemon se aproximou e encostou a cabeça na cintura dele, e ele baixou os olhos para a pantera com um olhar enigmático [...]". (PULLMAN, 2017, p. 19).

[2] "Longe", interpretada por Marcelo Jeneci. Escrita por Arnaldo Antunes, Betão Aguiar e Marcelo Jeneci. Produzida por Kassin. Encontra-se no álbum Feito Pra Acabar, 2010.

²Caro leitor, não corrija a breve nota anterior, de número 1. Pode ser angustiante, eu sei. Também sou. Mas faça algo diferente. Faça um jogo. Leia novamente. Não retire os pontos finais. Ao invés disso coloque pontos de interrogação no lugar dos pontos. Soará diferente. Eu sei. Eu também me pergunto sobre essas coisas.

"E o que é mais importante, saber as respostas ou
saber fazer as perguntas"?[70]

"Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar
Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver
Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar".[71]

[71] "Preciso me encontrar" – De Candeia. Aqui escuto na voz de Cartola.

REFERÊNCIAS

- ALÿS, Francis. **Numa dada situação**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ALVES, Rubem. **Rubem Alves essencial: 300 pílulas de sabedoria**. São Paulo: Planeta, 2015.
- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- BANDEIRA, João. **Quem quando queira**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- BARROS, Manoel. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.
- BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos poemas em prosa**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BITTENCOURT, Danny. **Fotografia Híbrida**. Porto Alegre: iPhoto, 2018.
- BORBA, Carla. **Performance - imagem: o corpo como processo de arquivamento, sedimentação e devir**. 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais, com ênfase em Poéticas Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BROWN, Brené. **A coragem de ser imperfeito**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- CALVINO, Italo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.
- CAMPBELL, Brígida; TERÇA-NADA, Marcelo. (Orgs.) **Intervalo, Respiro, Pequenos deslocamentos: Ações poéticas do Poro**. São Paulo: Radical Livros, 2011.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gili, 2013.

COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

CORTEZE, Mariana Danuza. Manifestos Urgentes: descaminhos de uma caligrafia impressa sob(re) a pele urbana. **E-metropolis**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 29, p. 45-49, jun/2017.

CORTEZE, Mariana Danuza. Deserto de concreto úmido: um outro lugar. **E-metropolis**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 25, p. 43-46, jun/2016.

CORTEZE, Mariana Danuza; POHLMANN, Angela Raffin. Implosão: entre tremores e pequenos enfrentamentos diários. **ArteContexto**, v.4, nº10, jul. 2016.

COUTO, Mia. **Escrever e saber**. Ensaio. In: Narrativa e Incerteza. 32ª Bienal de São Paulo: 2016. Disponível em: materialeducativo.32bienal.org.br. Acesso em: 26 set. 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS**: Belo Horizonte. v.2, n.4, p. 204-219, nov. 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EDWARDS, Kim. **O guardião de memórias**. São Paulo: Arqueiro, 2007.

EVANS, Richard Paul. **O caminho**. São Paulo: Lua de Papel, 2012.

EVANS, Richard Paul. **O encontro**. São Paulo: Lua de Papel, 2012.

FERRANTE, Céres de. **Espaços vazios**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1981.

FERREIRA, Gevaldino. **Poemas da alvorada de mim mesmo**. Porto Alegre: Edições Roteiro, 1977.

JAFFE, Noemi. **O livro dos começos**. São Paulo: SESI-SP, 2018.

JUNG, Carl Gustav; JAFFÉ, Aniela. **Memórias, sonhos, reflexões**. São Paulo: Nova Fronteira, 1963.

KAUR, Rupí. **O que o sol faz com as flores**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

KRAUSS, Rosalind. **A escultura no campo ampliado**. Rio de Janeiro: Gávea, 1984. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado.pdf. Acesso em: 19 out. 19.

LACAZ, Guto. Guto Lacaz: **omenhobjeto**: 30 anos de arte. São Paulo: Décor, 2009.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. n.19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.

LEWIS, C. S. A viagem do Peregrino da Alvorada. In: **As Crônicas de Nárnia**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. p. 397-514.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARINHO, Jorge Miguel. **Um passarinho me contou**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

MARTINS, Vitor. Como Medir o Tempo? **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 35, p. 437-453, set/19.

MEIRELES, Cecília. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1993.

MENDES, Manoel; COLOMBO, Beto. **Compostela**: muito além do caminho de Santiago. Criciúma: Ed. do autor, 2008.

OVÍDIO, Lara. Notas sobre o desperdício: uma investigação sobre a experiência do tempo na contemporaneidade. **ARTE & ENSAIO (UFRJ)**, v. 34, p. 81-91, 2017.

OVÍDIO, Lara. Um presente sem porvir. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 35, p. 274-303, set/2019.

PASSOS, Eduardo; ALVAREZ, Johnny. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131 – 149.

PULLMAN, Philip. **A bússola de ouro**. 2a ed. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2017.

SBARDELOTTO, Diane. Dobrar e continuar. **Paralelo 31**, Pelotas, dez. 2017. Ed. 9. Disponível em:<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/13288/8228>.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 6.ed. São Paulo: Annablume, 2014.

SANTANA, Elke Pereira Coelho. Quando o verme deseja. **Palíndromo (UDESC)**, v. 11, n. 23, p. 39-49, jan/2019.

SNICKET, Lemony. **Raiz-forte**: verdades amargas que você não pode evitar. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SNICKET, Lemony. **Mau começo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SUNIM, Haemin. **As coisas que você vê quando desacelera**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

THOREAU, Henry David. **Walden ou a vida nos bosques e a desobediência civil**. São Paulo: Ed. Global, 1985.

VENÂNCIO FILHO, Paulo. Novo tempo, nova temporalidade. In: **A presença da arte**. São Paulo: CosacNaify, 2013. p. 62-67.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. A imagem revisada. In: **Paisagens sígnicas: uma reflexão sobre as artesvisuais contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 231-255.

